



Eu era o repórter setorista da Assembleia Legislativa, de o Jornal do Dia, órgão da arquidiocese de Porto Alegre. Por ofício, ia todos os dias na Casa Legislativa onde recolhia material para o setor de política do jornal, comandado pelo médico-jornalista Carlos Fehelberg. Nesta jornada encontrei duas pessoas altamente relevantes em minha vida: O deputado Carlos Santos e o jornalista Salomão Kirjner.

Salomão tinha a contrastar seu tipo calado e sisudo com a rapidez com que datilografava suas extensas colunas diárias no *Correio do Povo*. Figura respeitada na Assembleia Legislativa, mantinha ainda com o colega Orlando Loureiro um espaço na mais importante rádio de então, a Guaíba.

A Assembleia ainda funcionava em toda sua integridade no modesto prédio à Rua Duque de Caxias, que em 1967 foi deslocada – era então presidente o deputado Carlos Santos – para o Palácio Farroupilha, um imponente prédio em frente à Praça Marechal Deodoro, conhecida como Praça da Matriz.

No prédio velho, o chamado Gabinete de Imprensa, era uma modestíssima sala, que além de acolher deputados visitantes em busca de espaço nos jornais, abrigava apenas os jornalistas Orlando Loureiro, da Folha da Tarde, Cecílio Pereira e Jayme Keunecke, ambos do Diário de Notícias, e Geraldo Moser, do setor de imprensa do Consulado da Alemanha. Todos eram, também, funcionários do Legislativo, sob a chefia de Salomão Kirjner.

Minha presença diária no local levou Salomão a me convidar para integrar o quadro. Aceitei me tornei funcionário. Era 1965, ano que coincidia com a conclusão de meu curso de Direito.

Eu me relacionava bem com todos os deputados da época, mas em especial com Carlos Santos. Em 1967 ele se elegeu presidente da Assembleia e me nomeou chefe de seu Gabinete.

Junto com Salomão, escolhido como editor, e Jayme Keunecke criamos uma revista mensal intitulada *Parlamento*.

Salomão, quieto e eficiente, foi meu chefe por um bom período de tempo até que fui nomeado Consultor Jurídico, cargo em que me aposentei.